

BARRACOS EM CHAMAS



Fotos: Nehil Hamilton



Depois que Roriz prometeu lote, surgiram mais de 900 barracos na invasão, de sábado para cá. Em sete horas, soldados da PM e funcionários do GDF conseguiram destruir novamente a ocupação em Santa Maria

EM VEZ DE DERRUBAR BARRACOS COM TRATOR, GOVERNO DECIDE PÔR FOGO NO MATERIAL

Rovênia Amorim
Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Restou mais de um quilômetro de lixo e mato queimado.

Quase 900 barracos que surgiram

depois da visita do governador

Joaquim Roriz a Santa Maria

foram derrubados na maior

remoção organizada este ano.

Pouco material de construção foi

recolhido e transportado em

caminhões.

Para acabar logo com a invasão, os funcionários do governo jogaram gasolina e atearam fogo sobre o amontoado de telhas quebradas, tábuas velhas, plástico preto e papelão. Enormes labaredas se formaram em vários pontos do descampado em frente às quadras 300.

Os invasores olharam, reclamaram, mas não reagiram. Intimidados por 271 policiais militares, a pé, montados e com cachorros. "O governador prometeu que nunca iria derrubar barraco de pobre. Enganou a gente. Bota é fogo. E se a gente não

sair de dentro, nos queima também", reclama Jandimaria Avelino Sirqueira ao ver seu barraco destruído pelas chamas. A mulher de 24 anos e mãe de dois filhos paga R\$ 200 de aluguel na QNL 13, em Taguatinga Norte

Em sete horas, soldados da Polícia Militar e 407 funcionários do GDF conseguiram destruir a invasão que voltara a inchar depois da visita de Roriz. Uma parte da invasão já havia sido removida no sábado e voltou a crescer no mesmo dia. Ontem, os próprios invasores ajudaram a derrubar os barracos em troca de uma ilusão. A promessa de ser cadastrado pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab).

De barraco em barraco, o subgerente do Sistema de Vigilância Integrado do Solo (SivSolo), Esmeraldo Oliveira, ia distribuindo um panfleto do Desfile de 7 de Setembro, com um carimbo da Administração Regional de Santa Maria no verso. Era a senha para entrar na fila do cadastramento. "Vamos desmontar. Não quero nenhum barraco armado aqui. Fiquem no local esperando o Idhab", ordenava.

A invasão sumiu rapidamente. Às 14h já não havia mais barraco. Mas os invasores permaneceram na área o dia inteiro, sob o sol forte e rajadas de poeira, divididos em três filas. Formaram duas para cadastro. E uma terceira com mais de 800 pessoas que não parava de crescer. Moradores de casas de Santa Maria e pessoas



Carroceiro José Altenor, paraplético: há dois dias tentando inscrição

que chegavam de cidades do DF e do Entorno.

"Meus três filhos nasceram aqui no DF. Já morei em três cidades do Distrito Federal. Só mudei para o Entorno porque o aluguel é mais barato", tentou explicar a maranhense Raimunda Ribeiro da Silva, de 29 anos, operadora de caixa de supermercado desempregada, moradora de Santo Antônio do Descoberto (GO).

AMIGOS E IRMÃOS

Gente que não precisava de lote também estava na invasão em nome de amigos e e irmãos. Era o caso da dona-de-casa Tânia Regina de Araújo, de 37 anos. Ela tem lote e casa na QR 310 de Santa Maria, mas estava na invasão para conseguir uma senha para a

cunhada Lídia dos Santos, 32. Tânia também tentou convencer a família, que mora em Salvador, a vir rapidamente para Brasília. Sábado à noite, no mesmo dia em que o Roriz visitou a invasão, ela ligou para o pai Manoel, 74, e a irmã Teonize, de 32. "Eles têm a casinha deles lá, mas quero que morem perto de mim. Meu pai é pioneiro em Brasília."

Muita gente matou um dia de trabalho para tentar a sorte na invasão. O motorista José Edmilson, 37 anos, e o auxiliar de limpeza, João Vieira, 35 deixaram de trabalhar dois dias. E ficaram sem a senha de cadastro. O porteiro Ilvanei Pereira da Silva, 29, também arriscou perder o emprego. E estava cheio de dúvidas. "Será que dá para eu me inscrever tam-

bém? Só quem invade pode fazer inscrição? Eu não invadi", lamentava, mostrando um saco plástico cheio de documentos.

Para responder logo ao questionário do Idhab valeu tudo. Mulheres expunham bebês ao sol de meio-dia e à poeira para ganhar preferência nas filas. A auxiliar de limpeza numa padaria do Gama, Denise Gomes, de 26 anos, tentava proteger com um fralda o rosto do filho Alexandre Matheus, de um mês. Na frente dela, uma dezena de outras mães e o carroceiro, sem a perna direita, José Altenor da Silva, de 41 anos. Fez a inscrição deitado na carroça, guiada pela égua Rainha. Desde o dia anterior, ele enfrentava filas atrás de uma senha.

Alguns invasores deram nome, endereço para correspondência e outros dados pessoais para funcionários do Idhab e comemoravam como se estivessem assinando registro de imóvel em cartório. Cada senha no panfleto de 7 de Setembro significou uma vitória. Um lote. Mas as dúvidas atormentavam. "Para onde vai esse papelzinho? Onde eu vou procurar a ficha do meu lote. Queria ficar com um papel para provar que estou inscrito", insistia o açougueiro Régis Ferreira de Souza, 26 anos.

Outros não tiveram dúvida nenhuma. "Estão enganando o povo. Esse papel não vale nada nem é timbrado", denunciava o jogador de futebol desempregado Gilson Ribeiro da Silva, 27, referindo-se à senha. "Acho que

essa política é mentirosa. Na ficha do Idhab está escrito que é um levantamento de ocupantes de Santa Maria, não é cadastramento. Vi mulheres gritando e pulando porque ganharam um lote. Coitadinhas."

Algumas mulheres que não conseguiram o panfleto desesperaram-se. "Sou mãe solteira, dois filhos pequenos, não ganhei senha", gritava, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas, a empregada doméstica Anarela Barbosa da Silva, 35. "É injusto", berravam também Maria do Socorro, 18, e Marília, 23, seguidas por três crianças.

As três mulheres choravam e seguiam por toda a parte o sargento PM Romualdo, funcionário do SivSolo. Com os cabelos cheios de poeira, ele passava a mão no rosto, na cabeça, e tentava livrar-se delas. O grupo de coronas crescia a cada barraco derrubado. "Se eu não precisasse, eu não estava aqui me humilhando", reclamava outra. "O senhor não me deu uma ficha", chorava. E ele respondia: "Não fui eu, minha senhora, não fui eu. A senhora está enganada", disse o tenente, suando e ordenando o desmanche dos barracos.

O major Oliveira, do SivSolo, voltou do almoço às 15h e ficou surpreso com a fila de gente que ainda esperava por senha. "Não vai ter mais distribuição. Acabou. A senha era só para quem estava nessa área. Quem não recebeu invadiu ou chegou depois. Oportunistas não terão chance."